

# Os jornais norte-americanos falam do "sucessor relutante"

por Paulo Sotero  
de Washington

Publicadas em jornais ou passadas de ouvido em ouvido, em conversas entre banqueiros, diplomatas, empresários e jornalistas, as informações e opiniões trocadas nos últimos dias, nos Estados Unidos, sobre o futuro do Brasil pós-Tancredo configuram um quadro pouco promissor. Nele, o presidente José Sarney aparece como um homem sem a estatura ou mesmo o desejo necessários para ocupar a Presidência do País e enfrentar os difíceis desafios à frente. "Eu não estou moral e psicologicamente preparado" para assumir a presidência, Sarney teria dito a um amigo, horas depois da hospitalização de Tancredo Neves, na noite do dia 14 de março, segundo Marlise Simons, correspondente do New York Times no Rio de

Janeiro, autora de um perfil do novo presidente brasileiro, publicado ontem, sob o título "Um Sucessor Relutante".

Da fragilidade de Sarney, as informações e análises costumam derivar para previsões agourentas, que não chegam ao caos, mas incluem desorientação no governo, crises ministeriais, indecisão na política econômica e previsões de muitos problemas nas negociações com o Fundo Monetário Internacional e os bancos credores da dívida externa do País.

Alfred Stepan, deão da Escola de Assuntos Públicos Internacionais da Universidade de Colúmbia e um dos mais respeitados estudiosos do Brasil nos EUA, destoa do coro alarmista. Sem negar a complexidade da situação em que a morte de Tancredo Neves colocou o Brasil ou desmontar a posição singularmente difícil em que Sarney se encontra, Stepan chama atenção para o processo subterrâneo, a ação das forças sociais e a capacidade de articulação demonstrada pelos líderes da classe política, que fez com que o Brasil chegasse até o ponto da transição democrática em que se encontra e pode continuar a empurrá-lo para frente.

"As pessoas estão focalizando as diferenças entre Tancredo e Sarney. É natural que isso aconteça, pois há diferenças importantes entre os dois. Mas, ao fazer isso, tende-se a esquecer o que permaneceu igual. Tancredo era um político extraordinário, mas, como qualquer outro político, era o resultado de suas próprias qualidades e do apoio que a classe política lhe deu", disse Stepan em entrevista a este jornal. "A classe política brasileira fez um esforço impressionante para moldar a transição política na direção de Tancredo. E acho que essa energia e competência da classe política continuam presentes e permanecem inalteradas." Para Stepan, Sarney tem "mais apoio dos políticos do que muita gente, nos EUA, pensa". Os líderes civis do País, ele prevê, continuarão a agir na direção da consolidação do processo democrático de uma forma que é simplesmente impensável, por exemplo, em países como o Chile ou nas nações da América Central. Além disso, Stepan chama atenção para a qualidade profissional de homens como Ulysses Guimarães, Fernando Henrique Cardoso, Olavo Setúbal, Marco Maciel, Aureliano Chaves e outros líderes da Aliança Democrática. "Muitos governos de países desenvolvidos gostariam de ter gente como eles. Olhe para esses bocós que assessoram o presidente Ronald Reagan na Casa Branca", compara Stepan, expressando seu espanto e indignação com a política americana na Nicarágua e a recente decisão do presidente de visitar um cemitério de soldados nazistas na Alemanha.

Para Stepan, a disposição das grandes democracias do mundo de apoiar o primeiro presidente civil do Brasil, em duas décadas, é outra coisa que não mudou com a morte de Tancredo. Ele acredita, além disso, ser descabida a ansiedade demonstrada por muitos, nos EUA e no Brasil, sobre mudanças que Sarney poderá introduzir no governo. "As pessoas perguntam, espantadas, como Sarney poderá governar com o Ministério de Tancredo", diz o brasilianista. "Mas a coisa correta a ser dita, em qualquer de-

mocracia que funcione, é que, quando o vice-presidente sucede ao presidente, é natural que, com o tempo, haja mudanças no Ministério que reflitam a nova realidade política e o estilo do novo ocupante do cargo." "Se estamos falando da regra democrática", insiste Stepan, "há coisas, como mudança de ministros, que devem ser consideradas normais e excepcionais. Sarney certamente não está interessado em quebrar o legado de Tancredo. Mas seu legado não pode ser uma camisa-de-força. E o próprio Tancredo, que era um político flexível, seria o primeiro a reconhecer isso."

Num artigo escrito para a página de opinião do jornal The New York Times, que será publicado hoje ou amanhã, Stepan fornece mais algumas razões para sua visão esperançosa do processo de transição democrática do País. Além de chamar a atenção para a qualidade e a competência da liderança civil do país, ele afirma que, a menos que Sarney se mostre incapaz de manter a paz interna, os militares "têm suas próprias e complexas razões para respeitar a transição". No Brasil, lembra, a instituição militar está sob a ameaça de passar por um julgamento ao estilo de Nuremberg, como ocorre atualmente na Argentina e pode acontecer no Chile. A Guerra das Malvinas, por outro lado, produziu um debate interno entre os militares sobre a necessidade de responder a eventuais desafios nacionais. "Essa nova orientação atenua uma crise de identidade, dando aos militares um sentido de missão fora do governo", escreveu Stepan.

Além disso, durante os últimos dez anos, a fatia dos militares no orçamento do País caiu pela metade em relação ao PIB, o que torna o Brasil o país que, ao lado do México, menos gasta em defesa na América Latina, proporcionalmente ao seu Produto Interno. "Com a volta do governo civil, os militares acreditarão que poderão fazer 'lobby' de forma mais efi-

caz" para obter uma parcela maior dos recursos nacionais. Stepan, cujo primeiro trabalho sobre o Brasil, na década de 60, versou sobre o caráter institucional e modernizador do regime militar brasileiro, acredita também que a indústria bélica brasileira, a sexta do mundo em exportações, afasta os militares da política, na medida em que eles não precisam controlar o poder para se abastecer de armas.

Na área econômica, o brasilianista desconta as dificuldades, mas vê algum espaço, graças à capacidade do parque industrial instalado no País, para Sarney pagar de imediato uma parte "da atordoante dívida social de pobreza, doença e desemprego" do País, iniciando reformas sociais visíveis trabalhando ao mesmo tempo nos limites impostos pela situação financeira do País.

Outro fator significativo, na opinião de Stepan, a favor da estabilização do processo democrático, é "a profunda revalorização" pela qual passou a esquerda brasileira durante o regime militar. A esquerda, escreve o estudioso, "reforçou seu compromisso com a democracia não como uma tática temporária, mas como um valor duradouro". Lembrando que "o Brasil tem algum espaço para desenvolver seu projeto de democracia e justiça e, ao menos temporariamente, um pequeno espaço para se desenvolver economicamente", Stepan termina o artigo advertindo que "a história e os historiadores tratarão asperamente os Estados Unidos e sua atual administração", se "os líderes da maior economia de mercado e da segunda maior democracia do mundo não demonstrarem criatividade para ajudar a terceira maior democracia e a sétima maior economia de mercado do mundo a evoluir com sucesso". Na opinião do brasilianista, a administração Reagan deveria reduzir sua obsessão militar na América Central e prestar mais atenção à luta da sociedade brasileira pela democracia."